

Embates e repercussões midiáticas do debate político

Desafios de tradições das esquerdas na Internet

Struggles and mediatic repercussions of the political debate

Challenges of left-wing traditions on the Internet

Ercio Sena

Professor adjunto III do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e docente nos cursos de graduação em Jornalismo e Cinema e Audiovisual. PUC Minas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte (MG), Brasil.

Juliana Gusman

Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Mestra em Comunicação Social e Bacharel em Jornalismo pela PUC Minas. *Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo (SP), Brasil.*

Introdução

No dia 15 de fevereiro de 2021, o Presidente da República Jair Messias Bolsonaro advogou, em uma de suas *lives* semanais, a necessidade de tirar de circulação alguns dos principais veículos de comunicação do país. Para o ícone da extrema-direita brasileira, o encerramento de jornais como *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Estadão* representaria um importante avanço no combate às *fake news*, prática perpetuada pelo próprio presidente e que motivou algumas redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, a controlarem o conteúdo de suas publicações. Apesar das represálias, Bolsonaro segue utilizando as redes como canal

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.272>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 47, p.5-26, mai./ago. 2022

estratégico. Afinal, seu descontentamento com os meios tradicionais não é recente, tampouco pontual. Para além do episódio que inicia este artigo, o chefe do Executivo e sua prole – Flávio, Carlos e Eduardo Bolsonaro – colecionaram, somente em 2020, 469 ataques a jornalistas e veículos da imprensa¹, que, no entanto, não necessariamente se opunham à emergência do projeto de governo representado por eles. O próprio *Estadão* que, hoje, Bolsonaro assombra com nostalgias de empastelamento, em editorial publicado no dia 8 de outubro de 2018, afirmava que o país estava diante de “uma escolha muito difícil” no segundo turno das eleições², disputado também por Fernando Haddad (PT). Segundo o artigo, o então presidenciável era uma opção legítima, ainda que indigesta, para o pleito, a despeito de seus arroubos antidemocráticos.

Essas dinâmicas evidenciam que os confrontos por poder são, hodiernamente, indissociáveis de uma cultura midiática. Como propõe Raymond Williams (2015), as práticas culturais atuam, tanto quanto a economia e a política, na formação da sociedade, que se desenvolve em debates ativos por meio dos quais significados são aperfeiçoados, transformados e subvertidos nos seus usos cotidianos. Tais debates, não obstante, são profundamente desiguais. Atraído pela perspectiva de “hegemonia cultural” sugerida por Antonio Gramsci, Williams compreende que as classes dominantes conseguem, não apenas pela força, exercer o seu poder. Suas ideias, valores e perspectivas são armas de controle e persuasão; são constantemente naturalizados e incorporados pelas próprias classes subalternas, fenômenos desencadeados, em grande medida, pelos meios de comunicação. Processos comunicativos se constituem, logo, como elemento-chave da mundialização do imaginário de certos ideais, que necessitam ser tensionados.

Tal tensionamento se mostra urgente no Brasil em que predomina, hoje, um movimento “nacionalista, chauvinista, autoritário, capitalista e violento” (FERNANDES, 2019), que ameaça a estabilidade da democracia liberal, ela mesma insatisfatória para abrigar demandas populares. Em vez de encampar propostas de cunho acentuadamente democrático, parte da esquerda se vê obrigada, neste cenário, a defender de maneira reativa o modelo liberal para garantir, minimamente, possibilidades de atuação. Os próprios agentes do liberalismo, ao contrário, aliam-se à extrema-direita para afiançar sua viabilidade no plano da economia, aniquilando as chances de uma alternativa progressista suprir os anseios

¹ Segundo levantamento da ONG Repórteres Sem Fronteira. Ver referências.

² Retórica retomada pelo jornal, mais recentemente, nas eleições presidenciais de 2022.

por mudanças, manifestados, pelo menos, desde os protestos de junho de 2013. Para Vladimir Safatle (2018), a esquerda também falhou em criar hegemonia a partir do descontentamento econômico, social e político, bastante difuso, que marcou as manifestações populares dos últimos anos. Somam-se a esse contexto intrincado processos de despolitização (FERNANDES, 2019) fomentados por estratégias comunicativas que criam barreiras à consciência política e que turvam concepções mais criteriosas das relações de poder vigentes.

Tomando a crítica, a partir de Michel Foucault (2000), como um ato de insurgência contra o discurso de verdade das diferentes instituições de poder, buscando os elos entre seus efeitos e o conhecimento, pretendemos discutir, criticamente, certas práticas comunicacionais que perpassam os embates políticos no país. Problematizaremos os saberes propagados por diferentes atores que participam desses encontros, atuando diretamente na conformação do espaço social e do imaginário coletivo. Primeiramente, destacaremos os mecanismos “metapolíticos” (TEITELBAUM, 2020) veiculados pelo reacionarismo e o neoliberalismo, em aliança encarnada pelo governo Bolsonaro, mas que o excede. Nos discursos dessa direita insurgente, que tentaremos caracterizar, prevalece uma comunicação nas redes, atravessada, sobretudo, por uma despolitização que assume formas “ultrapolíticas” (FERNANDES, 2019). Em seguida, iremos discorrer sobre a contraofensiva de uma esquerda “que não tem medo de dizer seu nome” (SAFATLE, 2016), que assume uma ação que pretende ir às raízes dos problemas enfrentados. Nos últimos anos, observamos um esforço de ocupação, por parte deste grupo, dos meios digitais, ainda dominados pela extrema-direita. Objetivamos, assim, mapear e delinear essas iniciativas de resistência e enfrentamento ideológico³. Por fim, almejamos analisar como essas experiências da esquerda nas redes são encaradas pela mídia tradicional, que se coloca como uma terceira via nessa correlação de forças, embora se negue como tal. Supomos que, ao reverberar o trabalho de comunicadores que reivindicam a alcunha marxista, parte da grande imprensa atue em outras frentes de despolitização, sobretudo com a “pós-política” (FERNANDES, 2019). Predominantemente conservadores, os veículos hegemônicos tendem a estigmatizar posições extremadas, tidas como equivalentes, afirmando modelos de gestão supostamente neutros que sabemos defeituosos, “mas que ao mesmo tempo se afirmam como os únicos possíveis”

³ Nesse trabalho, reivindicamos o conceito marxiano de ideologia (MARX; ENGELS, 2007), tomando-o como expressão de interesses dominantes que se organizam como ideias em mútua determinação com as práticas de um tempo. Esses interesses são inscritos e naturalizados na cultura como se fossem universais. Portanto, quando falamos de “enfrentamento ideológico”, nos referimos a um combate aos processos de naturalização de valores dominantes.

(SAFATLE, 2016, p. 14). Não se ambiciona esgotar o debate neste breve artigo, mas apontar, ainda que insuficientemente, para a complexidade dos certames políticos na cultura midiática. Colocaremos em relevo discursividades que julgamos centrais, indagando, em especial, os desafios enfrentados pela arena progressista.

A cadela do fascismo está prenhe: as facetas da extrema-direita

Não é infrequente, na cobertura jornalística cotidiana, que se referencie distintivamente a três alas do governo Bolsonaro: a ala ideológica, composta por figuras quixotescas como a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos Damares Alves ou o ex-ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo; a ala militar, protagonizada pelo vice-presidente Hamilton Mourão; e a ala técnica, estrelada pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes. Para além da adjetivação pobre, talvez propositalmente equivocada – a ala “ideológica” é, em verdade, reacionária, e a ala “técnica”, impondo-se neutra, é, sobretudo, ideológica –, tal tripartição é capaz de sugerir a heterogeneidade das forças que arquitetam uma união, conforme Luis Felipe Miguel (2018), acima de tudo pragmática. Abandonando as classificações do senso comum, recorreremos ao autor para identificar as três vertentes que conformam, não sem atritos, os setores mais extremados da direita brasileira.

Para Miguel, há, em primeiro lugar, a prevalência de uma corrente libertária, que recupera da tradição liberal do século XIII a oposição imanente entre liberdade e igualdade, sendo a última uma ameaça à primeira. No libertarianismo, almeja-se a separação radical do Estado e da Economia; esta, o território privilegiado das trocas livres e voluntárias. A ele, vincula-se o fundamentalismo religioso, que começa a ganhar proeminência no Brasil a partir dos anos 1990. Na retórica fundamentalista, não há espaço para debate; sobrepuja-se a disciplina de rebanho. As contradições são matizadas para que se possa constituir uma base popular domesticada, pronta para ser negociada como capital político. Por fim, a extrema-direita recicla o anticomunismo, que, segundo Miguel, ganha novas camadas na América Latina. O “bolivarianismo venezuelano” é o fantasma a ser combatido, sintetizado, em especial, pelo Partido dos Trabalhadores, apesar de suas políticas moderadas e de conciliação quando esteve no governo. Assim, nota-se uma sobreposição entre anticomunismo e antipetismo, que se fundirá, ainda, com o reacionarismo moral. Para outros autores, como Carapanã (2018), a bravata comunista, encarada como uma corrente aglutinadora de outras ameaças à ordem vigente, pode provocar imaginários eugenistas, segregacionistas, racistas e, acrescentamos, LGBTfóbicos, que remetem a elementos do nazismo e do fascismo. Michel Löwy

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.272>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 47, p.5-26, mai./ago. 2022

(2021), inclusive, refere-se às posturas “mussolinianas” e ufanistas de Bolsonaro, que flerta com o autoritarismo, com o obscurantismo, com a violência e com formas ditatoriais de governo.

Como estratégia comunicativa central, a extrema-direita bolsonarista lança mão da “ultrapolítica” que, segundo Sabrina Fernandes (2019, p. 31), instiga a despolitização por meio de “falácias e polarizações essencialistas que favorecem a ordem conservadora – valendo-se de maniqueísmos e cristalização de inimigos na consciência popular que mascaram as relações de real antagonismo e exploração na sociedade”. A ultrapolítica constrói adversários a partir de falsas radicalizações, mobilizadas por afetos como medo e ódio. Em diferentes escalas, feministas e dissidentes de gênero e sexualidade ameaçam a família tradicional, indígenas e quilombolas ameaçam o desenvolvimentismo, e a esquerda ameaça a unidade nacional. Os comunistas – tidos como grupo predominante no campo progressista, embora, na verdade, sejam pouco numerosos no Brasil – são acusados de dividir o país com a propagação, imoral, do “marxismo cultural”, nome de uma leitura fantasiosa da obra de Antonio Gramsci que tem como objetivo provocar pânicos moralistas (MIGUEL, 2018). Segundo Carapanã, acredita-se na existência de um complô marxista engajado com a destruição da cultura e da civilização ocidentais, que deve ser combatido a qualquer custo, inclusive com o esvaziamento democrático. O anticomunismo dá lastro à despolitização negando a diversidade de projetos dentro da esquerda – demonizada em torno de uma ideia unificadora negativizada – e, por meio da criação de um espantalho caricato, abre espaço para eliminar suas expressões mais arrojadas⁴. Lembremo-nos do Projeto de Lei 5358/2016, cujo autor é Eduardo Bolsonaro, que propõe criminalizar a apologia ao comunismo e que segue em tramitação, aguardando parecer da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC).

A despeito de ser uma ferramenta discursiva bastante desgastada – o anticomunismo atual é uma reedição não somente de retóricas da Guerra Fria, mas de teorias da conspiração surgidas na década de 1930, quando o Partido Nazista alemão utilizava o termo “bolchevismo cultural” para fins de propaganda (CARAPANÃ, 2018) –, a narrativa ultrapolítica da extrema-direita ganha novos contornos com o trabalho “metapolítico” de autores como Olavo de Carvalho, o destacado teórico das fileiras bolsonarista, morto no início de 2022. Conforme Benjamin Teitelbaum (2020), a metapolítica consiste em uma estratégia

⁴ Como falaremos mais adiante, parte da esquerda também reproduz percepções estigmatizantes de perspectivas comunistas e das experiências do socialismo real do século XX. Segundo Jones Manoel (2019), essa demonização passa pelo apagamento da própria história do liberalismo, principalmente pelo recalçamento de sua ligação com práticas de violência e extermínio. Defendendo a importância da autocrítica como prática central ao desenvolvimento do pensamento comunista, Manoel a contrapõe à autofobia perpetrada pelos próprios atores políticos da esquerda brasileira.

ideológica de atuação no campo da cultura – das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da educação – para, por meio de sua transformação, possibilitar mudanças consensuais em outras esferas da vida social. O autor destaca duas formas de atuação metapolítica: a primeira, por meio da infiltração de mensagens em canais culturais já existentes, como a mídia tradicional; e a segunda, por meio da criação de canais alternativos próprios, capazes de engendrar uma “sociedade paralela”, “grande e radical o suficiente para lutar pelo poder” (TEITELBAUM, 2020, p. 61).

Olavo de Carvalho foi uma das primeiras figuras do reacionarismo brasileiro a explorar esta segunda forma de operação, utilizando o potencial da comunicação na Internet. Em 1998, criou um *blog* pessoal e, em 2002, um *site* coletivo intitulado *Mídia sem Máscaras*. Em 2006, lançou um programa de rádio online, *TrueOutspeak*, através do *site* *BlogTalkRadio* (ROCHA, 2018). Olavo concebeu, ainda, o *Curso Online de Filosofia* em 2009, uma escola virtual que lhe permitia interagir com seus alunos brasileiros de sua casa na zona rural da Virgínia, nos Estados Unidos. Nas videoaulas, o autoproclamado filósofo falava sobre religião comparada, letras, artes, ciências humanas e naturais, comunicação e expressão (TEITELBAUM, 2020). Assíduo nas redes sociais desde o auge do *Orkut*, Olavo tinha, no final de 2021, pouco antes de seu falecimento, 1,1 milhão seguidores do *Instagram*, 588 mil no *Facebook*, 716 mil no *Twitter* e mais de um milhão de inscritos no seu canal do *YouTube*, sua principal plataforma comunicativa⁵.

Junto com o Movimento Brasil Livre (MBL), que reúne uma juventude comprometida com a pregação do liberalismo econômico, Olavo representou um dos casos mais exitosos de articulação da direita nas redes, tática fulcral para eleição do projeto bolsonarista no pleito de 2018. Ainda hoje, o governo conta com uma infraestrutura tecnológica capaz de mobilizar uma poderosa máquina de propaganda e de *fake news*, como, por exemplo, por meio do chamado “gabinete do ódio” (PINHEIRO-MACHADO, 2020). Não obstante, esses e outros grupos extremistas, numerosos e conectados, têm explorado, cada vez mais, novas plataformas digitais – o *Telegram*, o *Parler* ou o *Gab* – como forma de contornar possíveis sanções e de expandir influências, aumentando seguidores em todas as redes disponíveis (SPAGNUOLO, 2021). Investem, também, em portais “jornalísticos” especializados em difundir informações inverídicas (DIAS, 2020), como *Jornal da Cidade Online* e *Folha Política*.

⁵ Dados coletados em dezembro de 2021.

Para Fernandes, a força da extrema-direita não seria possível sem essa “modelagem da cultura”, potencializada pelo uso do capital para projetar certos tipos de conteúdo nos meios digitais, como aqueles produzidos por Olavo, o MBL e o gabinete do ódio, em detrimento de outros. Cabe lembrar os disparos em massa – e ilegais – de mensagem antipetistas no *WhatsApp* em 2018, financiados por empresas privadas, conforme denunciado por Patrícia Mello Campos (2018), na *Folha de S. Paulo*. Recordamos, também, as táticas orquestradas por Steve Bannon – ex-guru de Donald Trump e com quem Eduardo Bolsonaro manteve contato estreito nos últimos anos – para influenciar resultados eleitorais. Quando à frente da empresa de mineração e análise de dados *Cambridge Analytica* – financiada pelo magnata estadunidense Robert Mercer e sua filha, Rebekah –, Bannon utilizou, também ilegalmente, informações de usuários do *Facebook* para construir campanhas com anúncios hiperpersonalizados (CRUZ e VALENTE, 2018).

Conforme o cypherativista Julian Assange (2013), embora a tecnologia tenha proporcionado a expansão das possibilidades de comunicação – no sentido de um crescimento do nosso alcance –, elas são, paradoxalmente, ao mesmo tempo reduzidas. “Não temos mais privacidade e as nossas comunicações podem ser interceptadas, armazenadas e, como resultado, usadas contra nós” (ASSANGE, 2013, p. 107). Quem controla o poder econômico consegue orientar, com mais eficácia, os rumos da cultura nas redes. No entanto, como pondera o próprio Assange, é muito difícil exercer alguma influência, hoje, estando fora da Internet. Por isso, para alguns atores da esquerda brasileira, apesar do cenário pouco auspicioso, este ainda é um território em disputa.

O rio que tudo arrasta transborda: as teias discursivas da esquerda

Atores progressistas, em verdade, nunca negligenciaram a importância das lutas no campo da cultura. Como relembra Vanessa Tavares Dias (2020), a busca por formas combativas de comunicação remonta aos jornais operários do século XIX, às publicações anarquistas e comunistas dos anos 1930 e à imprensa alternativa que emerge em oposição à ditadura militar (1964-1985), perseverante até o fim da década de 1990. Os experimentos originados no ciberespaço, surgidos no início dos anos 2000, seguem esse lastro, ganhando força a partir de 2013 por meio de iniciativas como a *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) e os *Jornalistas Livres*. Portais como *Geledés*, *Alma Preta Jornalismo* e a *Revista AzMina* têm aderido, com centralidade, a pautas raciais, LGBTQIA+ e feministas em suas publicações. Esses temas também ecoaram as principais movimentações desencadeadas nas redes por grupos de esquerda nos últimos anos: a campanha #elenão, lançada durante as eleições de 2018 contra a

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.272>

candidatura de Jair Bolsonaro, um notório sexista, levou milhares de pessoas, principalmente mulheres, às ruas do país.

As intempéries, entretanto, não são insignificantes. O movimento #elenão, para ficarmos no exemplo, foi contra-atacado com um fluxo intenso de desinformação, principalmente por meio do *WhatsApp*. Imagens falsas dos eventos, que enquadravam seus participantes de maneira depreciativa, foram rapidamente disseminadas para estabelecer, em torno deles, uma aura de terror. O grupo *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro*, responsável por lançar a *hashtag* no *Facebook* e convocar os atos públicos contra o então presidencial, foi invadido por *hackers* e foi alvo de *fake news* (BECKER, 2018). Para além de ofensivas como essas, o campo de atuação das esquerdas na Internet é ainda mais prejudicado pela formação de “bolhas de interação” (DIAS, 2020, p. 205). Conforme Dias, os discursos de enfrentamento estão sujeitos a um “infocontrole” exercido por empresas privadas que controlam o ciberespaço por meio da manipulação de algoritmos, capazes de regular o alcance, ou a invisibilização de certas mensagens.

Isto posto, as próprias narrativas progressistas que conseguem alcançar alguma projeção são, muitas vezes, cooptadas pela lógica de funcionamento dos discursos dominantes. De acordo com Dias, alguns coletivos de mídia alternativa insistem em repetir padrões narrativos presentes no jornalismo tradicional, empobrecendo ainda mais o fortalecimento de falas dissonantes, contra-hegemônicas. Em vez de proporem estratégias comunicativas próprias, alguns profissionais apostam em fórmulas referenciais para garantir mais credibilidade junto ao senso comum. Assim, perde-se a oportunidade de enfrentar, incisivamente, os modelos de interação colocados pelo próprio “capitalismo comunicativo” (FERNANDES, 2019), do qual a grande imprensa também faz parte. Diante desses fatores, é possível afirmar, com Rosana Pinheiro-Machado (2020), que os esforços das esquerdas nas redes não são suficientes para compor um “ecossistema” de atores políticos forte, que os integre em um processo, mais equilibrado, de disputa.

Sabendo, porém, que, para cumprir seus objetivos politizadores, é necessário insistir na arena simbólica, o campo progressista se vê obrigado a pavimentar novas e mais incisivas conexões, a despeito de sua aparente desarticulação. É o que tem feito uma parte da esquerda brasileira, explicitamente preocupada em ocupar o território digital – deixado por muito tempo à revelia de grupos reacionários e neoliberais –, mas que também se engaja em extrapolá-lo. Trata-se de comunicadores que se reivindicam comunistas, assumindo a disputa nesse terreno. Falamos de uma esquerda que coloca em cena, e com vigor, pautas consideradas “inegociáveis”, afirmando taxativamente “aquilo que não estamos dispostos a

colocar na balança” (SAFATLE, 2016, p. 15). Defendem-se a igualdade, a participação popular e o legado das teorias marxistas para iluminar as ações do presente, reclamando positivamente, mas não sem críticas, as experiências socialistas do século XX. Esses comunicadores opõem-se veementemente ao capitalismo, denunciando o apagamento ideológico do colonialismo, do imperialismo e da violência da história liberal (MANOEL, 2019) – a escravização de povos de África, as duas grandes Guerras Mundiais, o ciclo de ditaduras militares na América Latina e a destruição ambiental são, por exemplo, creditados ao regime que lhes deram origem. Cotejaremos, então, as teias discursivas criadas por esses agitadores que se visam inserir, sobretudo, no *Youtube* e cujo trabalho tem expandido significativamente nos últimos sete anos.

Credita-se a primeira iniciativa a Humberto Matos, criador do canal *Saia da Matrix* em 2015, hoje com 127 mil inscritos⁶. Professor de história, educador popular e filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Matos discorre, em seus vídeos, sobre economia, política, história, filosofia e sociologia. Além de pioneiro, o comunicador marxista sintetiza muitas características de seus sucessores: em sua maioria, trata-se de pessoas jovens, vinculadas, em alguma medida, com a universidade e com o ensino público e organizadas em partidos políticos ou movimentos sociais. Assim como Matos, mobilizam-se nas redes figuras como João Carvalho, doutorando em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais e militante do Partido Comunista Brasileiro, que conduz o canal *Assim disse João* (72,3 mil inscritos); Samuel Borges, doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília e criador do canal *Cifra Oculta* (29,1 mil inscritos); Thiago Ávila, militante do PSOL e comunicador no canal *Bem vivendo* (52,5 mil inscritos); e Dimitra Vulcana, *drag queen*, professora e doutora em Ciências da Saúde, que comanda o canal *Doutora Drag* (37,6 mil inscritos). A eles, somam-se também, entre outros, Débora Baldim, midiativista, formada em Relações Internacionais pela PUC-SP, cujo canal conta com 57,2 mil inscritos; Laura Sabino, graduanda em História pela UFMG e educadora popular, que se organiza junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ela tem um canal, que leva o seu nome, com 138 mil inscritos; e Thiago Torres, do *Chavoso da USP*, estudante de Ciências Sociais que reúne 280 mil seguidores no *YouTube*. Nesta urdidura do campo da esquerda, no entanto, destacam-se três nomes: o da *drag queen* Rita Von Hunty, persona do ator e professor de Literatura, formado pela Universidade de São Paulo, Guilherme Terreri; o de Sabrina Fernandes, doutora em Sociologia pela Carleton University, no Canadá,

⁶ Dados coletados em setembro de 2022.

pesquisadora vinculada à UnB e militante do PSOL; e o de Jones Manoel, professor de História, mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco, educador popular e membro do PCB.

Rita Von Hunty lança mão do deboche e da ironia para incorporar uma senhora de estilo retrô dos anos 1950. Seu canal, *Tempo Drag*, começou em 2015 como um espaço de compartilhamento de receitas veganas e, em 2019, sofreu uma guinada em direção à arena política, alcançando um público de mais de um milhão inscritos. Com cortes secos, dinâmicos, e amplo uso de recursos visuais, Rita aborda, em seus vídeos, temas fulcrais para o debate público à luz de diversificada bibliografia, acionando as obras de Raymond Williams, Theodor Adorno e E.P. Thompson, por exemplo. Nos seus vídeos mais assistidos, fala sobre consciência de classe, religião e naturalização de papéis de gênero. Sabrina Fernandes, por sua vez, criou o canal *Tese Onze*⁷ – hoje com 424 mil inscritos – já com o intuito de disputar politicamente o ciberespaço. Desde 2017, discorre, em seus vídeos, sobre ecossocialismo, consumo, a questão palestina e a esquerda brasileira, passando também por discussões feministas e pela cultura pop. Entre suas principais referências, destacam-se, além de Marx, Herbert Marcuse e Antonio Gramsci. As influências italianas recaem, também, sobre Jones Manoel, inspirado, principalmente, pelo filósofo e historiador Domenico Losurdo. Dialogando, ainda, com autores como Amílcar Cabral, Frantz Fanon e Florestan Fernandes, o jovem pernambucano de orientação marxista-leninista, apoiado por 212 mil pessoas no *YouTube*, tem na crítica ao anticomunismo, ao colonialismo e ao imperialismo uma preocupação central. Empenhado em desmistificar a história liberal, coloca o racismo como um dos principais motores da acumulação capitalista.

Seus conteúdos são, ainda, reverberados em outras plataformas comprometidas com a defesa da esquerda nacional. Os três comunicadores comunistas mais expressivos da Internet brasileira mantêm colunas periódicas na *Carta Capital – O Gabinete com Rita Von Hunty*, *Carta Conectada com Sabrina Fernandes* e o *Manual do Jones* são colunas feitas em vídeo, divulgadas no canal oficial da revista no *YouTube* (461 mil inscritos). Com estéticas e temáticas levemente diferenciadas dos seus canais de origem – percebemos mudanças, principalmente, nos cenários, na edição e na especificidade de certos objetos de análise –, essas produções engendram um ponto nodal na cadeia comunicativa que tentamos mapear. Observamos um gesto semelhante no trabalho aglutinador da editora *Boitempo*. Reunindo produções

⁷ O nome do canal é uma referência às Teses sobre Feuerbach, de Marx. Na décima primeira tese, o pensador alemão diz: “Os filósofos apenas interpretam o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 535).

desses jovens marxistas, a *TV Boitempo* (341 mil inscritos) os aproxima de veteranos que se arriscam, assim como eles, na comunicação digital: o sociólogo Mauro Iasi comanda a série *Café Bolchevique*; a historiadora Virgínia Fontes está à frente das *Conversas Impertinentes*; e Boaventura de Sousa Santos, por sua vez, da *Razão Quente*. A Boitempo, principal agremiadora dessas práticas comunicacionais, apoia outras iniciativas de coletivos de comunicação – como o *podcast Revolushow*, produzido por Jones Manoel, João Carvalho, Diego Miranda, Larissa Coutinho e Zamiliano Andrade.

Apesar de enfrentarem um adversário evidente, não são apenas as narrativas anticomunistas da extrema-direita que este grupo, recém-sistematizado, precisa contestar. Os discursos da imprensa tradicional sobre suas atividades de ímpeto revolucionário também se interpõem como obstáculo ao desenvolvimento de uma esquerda recentemente estruturada. Repercutindo, destacadamente, o trabalho de Rita Von Hunty, Sabrina Fernandes e Jones Manoel, parte mídia dominante aciona novas estratégias de despolitização e negatização das perspectivas marxistas, reivindicadas pelos três.

O truque do diabo é nos convencer de que ele não existe: a imprensa contra a crítica da realidade social

Em editorial publicado no dia 19 de fevereiro de 2021, a então recém-centenária *Folha de S. Paulo* reafirmou, junto aos leitores, o seu compromisso com o “apartidarismo”. Dentre outros valores jornalísticos, destacou-se a importância do “distanciamento em relação às forças políticas”, afastamento que permitiria ao periódico “escrutinar com independência o poder em todas as suas formas e instâncias”. Recusa-se, na prática de *hard news*, tomadas de posição e preferências “ideológicas”. Assim, ao ocultar-se como participante ativa do jogo democrático, prática reiterada nesse tipo de declaração, a imprensa tradicional assume, para si, um caráter pós-político (FERNANDES, 2019).

A pós-política, segundo Fernandes, rejeita o antagonismo clássico entre direita e esquerda, oposição supostamente ultrapassada e que seria, hoje, resgatada por extremistas saudosos, presos às lutas e formas políticas do século XX, para afirmar uma visão de mundo tecnocrática. O embate político, classificado como “polarização”, é rebaixado como o grande mal do nosso tempo. A mídia dominante, a mediadora comedida e desinteressada de um confronto, quando muito, anacrônico, conseguiria propor, com seu apartidarismo, narrativas “verdadeiras”, obnubiladas aos demais atores sociais pelos seus posicionamentos dicotomicamente “radicalizados”. Os interesses de classe dos grupos que controlam a imprensa, portanto, são envernizados por uma neutralidade que é, tão somente, aparente. Eis a astúcia do

diabo. O jornalismo referencial integra uma estratégia que, segundo Vladimir Safatle, desvalida possibilidades de transformações mais amplas, principalmente à esquerda, como se não houvesse “nada a esperar da política, a não ser discussões sobre a melhor maneira de administrar o modelo socioeconômico hegemônico nas sociedades ocidentais” (SAFATLE, 2016, p. 14). Com uma retórica pós-política, a mídia se desobriga de engajar-se, explicitamente, na disputa por projetos de mundo e acaba por reiterar o *status quo* neoliberal e conservador que se apresenta, inclusive por meio dela, como “normal”.

Obviamente, não desconsideramos possíveis brechas nesses espaços midiáticos altamente regulados. A própria repercussão dos trabalhos de Rita Von Hunty, Sabrina Fernandes e Jones Manoel é sintoma da porosidade temática que existe nas redações. No levantamento das dez reportagens mais relevantes sobre os comunicadores – as mais impulsionadas pelos buscadores na Internet –, identificamos artigos publicados por veículos estabelecidos – como os jornais *Folha de S. Paulo* e *El País Brasil*, além das revistas *Quem*, *Época*, *piauí*, *Trip* e do portal *The Intercept Brasil*, entre outros. Acreditamos, porém, que, apesar da visibilidade conferida a essas figuras de tradições marxistas, certas estratégias discursivas são operadas para esvaziá-las em sua importância política.

Nas reportagens sobre Rita Von Hunty, por exemplo, prioriza-se sua performance *drag* em vez da discussão sobre os assuntos específicos que aborda em seus vídeos, escamoteados por meio de qualificadores genéricos como “temas intelectuais”, “questões espinhosas” ou “debates contemporâneos (e possivelmente tensos)”, como acontece no texto divulgado na *Revista Cláudia* (PAIVA, 2020). Intitulada *Conheça Rita Von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no YouTube*, a matéria ressalta a estranheza causada pela performer que ocupa um lugar professoral. Discorre-se sobre a origem da persona exótica de Guilherme Terreri, enquadrando-o, principalmente, como uma referência para o público LGBTQ+. Não há menção aos autores com os quais dialoga, tampouco à sua disposição marxista, aspectos também apagados na reportagem *Falando sobre política, drag queen troca noites de SP por sala de aula*, da *Folha de S. Paulo* (MAIA, 2019). Em verdade, o termo “marxista” é reivindicado, somente, quando Rita o assume de maneira debochada; a entrevistada se afirma “marxista mística”, já que gosta de astrologia. O texto não procura ir adiante, explorando o significado da categoria por trás da piada. O jornal prefere colocar em relevo o processo de transformação de Terreri em uma senhora excêntrica: da aplicação da maquiagem às dificuldades para fechar, sem auxílio, o zíper do seu vestido *vintage*. Entre seus temas de trabalho, a matéria destaca, brevemente, seus debates sobre “capitalismo” e “masculinidade tóxica”, sem

desenvolver, em nenhum momento, a maneira como Rita os aborda. O mesmo acontece com a matéria divulgada pela revista *Quem*, que resume as pautas da comunicadora a “oposição com bilionários” e “acabar com a exploração”. Novamente, opta-se por destacar questões vinculadas ao seu universo pessoal.

Somente a revista *piauí* reconhece Rita como uma “*drag queen* comunista”, condecoração antecipada no título da reportagem *Foice, martelo e peruca* (LISBOA, 2019). O texto não se exime, assim como os outros, de dedicar-se à detalhada descrição de uma figura que se julga peculiar, embora se explorem mais os temas que a mobilizam. Ainda assim, a revista parece contestar, mesmo que discretamente, a coerência política da educadora: afirma-se, por exemplo, que “todos os governos socialistas perseguiram homossexuais, como na União Soviética e em Cuba”, o que tornaria seus posicionamentos, no mínimo, incoerentes. Embora Rita rebata afirmando que os capitalistas são, também, historicamente homofóbicos, a suposta contradição permanece irrefutada. A drag, em geral, é celebrada pelo seu percurso individual, pela sua singularidade artística e por sua aparência, mencionando-se, discreta ou desimportantemente, aspectos das suas práticas e discursos políticos.

Algo similar acontece nas reportagens que buscaram perfilar Sabrina Fernandes. Embora discuta, com mais detalhamento, os debates presentes no seu canal do *YouTube*, a entrevista publicada no *site* da revista *Trip* (SAYURI, 2020) menciona ao menos cinco vezes o gosto da socióloga por maquiagem. Fala-se, repetidamente, sobre “sua sombra rosa cintilante” ou sobre sua “make com produtos veganos”. O estilo jovial e vaidoso de Sabrina desencadeia o mesmo deslumbramento que a performance *drag* de Rita Von Hunty. Inclusive, os problemas motivados por sua aparência orientam grande parte do debate travado com a repórter da revista. Chamada, nos fóruns ariscos da Internet, de “burguesa”, “patricinha” e “socialista de iPhone”, Sabrina se vê obrigada a defender a própria imagem como comunista, entrave recuperado, com protagonismo, pela matéria que insiste, mesmo irrefletidamente, em alimentar essas oposições. Pontua-se que a comunicadora é “radical, revolucionária, teórica e, ao mesmo tempo, fã de *Doctor Who*, *Harry Potter* e sombra colorida”, além de ser capaz de “combinar Marx, Gramsci e delineado de gatinho”. A mesma polêmica é retomada na revista *Época*, em que Sabrina é descrita como a “anti-Olavo” (GABRIEL, 2019). No corpo da matéria, invocam-se, novamente, suas aparentes contradições: “De seu aconchegante escritório, pintado de lilás e decorado com livros, plantinhas, diplomas e um simpático boneco de Marx, Fernandes dá pequenas aulas sobre marxismo, feminismo e ecologia” (GABRIEL, 2019). Salienta-se seu estilo feminino como contraponto aos temas que pretende debater.

A reportagem da *Época*, ainda, credita a criação do canal *Tese Onze* à suposta irritação que Sabrina sentia com “as besteiras que a esquerda propagava na Internet”, colocando-a como adversária do próprio campo progressista, ridicularizado na afirmação. Alimentando animosidades, a revista entrevista um professor que se identifica com a esquerda, também produtor de conteúdos para o *YouTube*, que havia chamado a comunicadora de “meio burralda” diante dos seus posicionamentos sobre a questão da Palestina. O agressor ainda havia sugerido que ela voltasse “para o ensino básico”, como relembra a reportagem, que reforça sua fala colhendo novos depoimentos: “Essa garotada que faz sociologia tem pouco apreço a teorias e fatos, e adora proselitismo ideológico. Não adianta querer ensiná-los”, diz. Mesmo mencionando-se o compromisso de Fernandes com o ecossocialismo, com a questão ambiental e com tendências marxistas, sobressaem as “polêmicas” que atravessam seu trabalho.

Podemos dizer que as reportagens sobre Rita Von Hunty e Sabrina Fernandes são, majoritariamente, ambíguas. Notabiliza-se a atuação das duas comunicadoras nas redes por meio de apreciações relativamente positivas de suas práticas ou personalidades, embora se busque esvaziar, por meio da inflação de suas feminilidades, a radicalidade política que almejam engendrar. Revigoram-se, sutilmente, percepções de que o espaço público não pertence, de fato, aos corpos femininos. Por outro lado, Jones Manoel é impassível de suavizações. O pernambucano emerge indigestamente quando é mencionado por Caetano Veloso em uma edição do programa *Conversa com Bial*. Na ocasião, o cantor afirmou ter abandonado certas tendências “liberalóides” após ter contato com o trabalho do jovem historiador. A partir de então, Jones foi objeto de diversas reportagens; quase nunca em chave elogiosa. Como sintetizado na matéria da revista *piauí* (MAZZA, 2020), o comunicador – que procura realizar uma revisão crítica da história do liberalismo e do socialismo do século XX, como mencionado anteriormente – foi logo acusado de ser stalinista, categoria que nunca reivindicou e que o tornaria, na visão alheia, simpático a autoritarismos.

Na reportagem *Esquerda radical brasileira desenterra o debate sobre o socialismo real e ganha adeptos nas redes* (BETIM, 2020), publicada pelo *El País Brasil*, destaca-se um apreço de Jones pela violência, que passa a ser encarado como defensor acrítico da experiência soviética. Entre outras estratégias discursivas, entrevistam-se diferentes intelectuais progressistas para eliminar a viabilidade das argumentações propostas por ele. Apresenta-se, por exemplo, o depoimento da escritora transfeminista Helena Vieira para traçar um paralelo entre a radicalidade de Jones e o extremismo de Jair Bolsonaro. Para

Vieira, o comunicador seria um “conservador de esquerda” que se vale de “utopias regressivas” por dialogar com figuras viris e masculinistas como Che Guevara e Fidel Castro. Segundo a escritora, que desconsidera as influências anticoloniais, antirracistas e feministas que Jones articula em sua produção – entre suas principais referências estão Vânia Bambirra e Rosa Luxemburgo –, os dois polos antagônicos evocariam, equivalentemente, um passado melancólico, apelando para os mesmos afetos patriarcais. Com esse impulso pós-político, Vieira equipara, ainda, a “profunda descrença institucional” manifestada pelo bolsonarismo – que estimula o desmonte das instituições democráticas para propor um neoliberalismo sem limites – e pelo comunismo – que visa, após a transição socialista, o fim das instituições burguesas para que o povo expresse, igualitariamente, seu próprio poder. A falsa polarização é arrematada com uma citação do filósofo italiano Norberto Bobbio: “um extremismo de esquerda e um de direita têm em comum a antidemocracia”. A desconstrução da imagem de Jones Manoel foi tamanha que Vladimir Safatle, também entrevistado pelo jornal do qual era colunista, publicou uma nota no seu perfil do *Facebook*, reproduzida pela *Revista Fórum* (ROCHA, 2020), repudiando o uso das suas falas transcritas. “Eu havia entendido que se tratava de um artigo sobre a ‘radicalização da esquerda’, não um ataque frontal a uma pessoa. Se entendesse que seria assim, teria declinado o pedido de entrevista por não ver o sentido de artigos dessa natureza”. O texto do *El País*, todavia, não foi o único nesta tônica.

Na matéria *Elogiar ditadores é a melhor maneira de a esquerda continuar perdendo* (DIAS; MARTINS, 2020), o portal *The Intercept Brasil* credita todo o colapso da democracia brasileira à esquerda radical, representada, nesse contexto, por Jones Manoel. Para os articulistas, essa esquerda deveria se integrar em uma ampla coalização antibolsonarista, abrindo mão “de certos valores e divergências irreconciliáveis em favor de (muitos) pontos em comum”. Embora esse seja um movimento previsto de ser articulado por esses atores, *The Intercept* opta por vincular Manoel a um tipo de prática sectária, contrária de antemão a qualquer tipo de aliança para derrotar o bolsonarismo. Alimenta-se, mais uma vez, uma equivalência artificial entre extremos, favorecendo a polarização despolitizada frequentemente encenada na mídia dominante. A reportagem ainda compara a mimetização nazista protagonizada pelo ex-secretário de cultura do governo Bolsonaro, Roberto Alvim – que plagiou Goebbels em um pronunciamento –, com a defesa que Jones faz de uma revisão histórica e crítica das experiências socialistas apartada das lentes da narrativa hegemônica, conservadora. Considera-se absurda, até mesmo, a homenagem prestada pela deputada federal Talíria Petrone (PSOL), no seu perfil nas redes, ao nonagésimo sexto aniversário da morte

de Lênin. Destituem-se, assim, todos esses esforços no campo da esquerda de qualquer legitimidade na sua luta política.

Por fim, cabe mencionar o texto assinado por Fábio Zazini, na *Folha de S. Paulo*. A entrevista *Stálin não foi a reencarnação de Lúcifer, diz historiador que influenciou Caetano Veloso* foi destaque, até mesmo, na capa da edição impressa do periódico e veiculada na prestigiada editoria *Poder* (hoje, *Política*) – ganhando mais projeção do que a matéria sobre Rita Von Hunty, divulgada apenas na versão digital, na rubrica de *Cotidiano*. Mas a Jones não foi dedicado o mesmo tom complacente, quase elogioso. Das quinze perguntas, sete são diretamente sobre Stálin, em uma nova tentativa de aproximação do comunicador com os ideais do ex-dirigente soviético. Assim como na matéria do *The Intercept*, tentam-se igualar, por meio da menção a Stálin, as políticas e realizações do regime socialista às medidas implantadas pelo nazismo: “Enxergar um lado bom em Stálin não é como elogiar Hitler por ter acabado com a hiperinflação na Alemanha, ou o general Médici pelo milagre econômico?”, pergunta o jornalista ao ativista marxista, que, recusando apologias, havia ponderado sobre os erros da URSS, sem deixar de pontuar, no entanto, seu firme combate ao racismo e ao colonialismo. Ao que Jones responde: “Enxergar um legado emancipatório da experiência soviética fica no mesmo plano de quem defende Barack Obama, que foi o responsável pelo maior uso de drones na história recente dos EUA, que destruiu a Líbia, o país que tinha o maior IDH da África”.

A entrevista segue em combate aberto, sempre com tentativas de negativizar as posições defendidas pelo jovem comunista. O debate sobre violência, também nesta reportagem, é trazido para discussão, com insinuações de que o entrevistado estaria naturalizando práticas de extermínio. Ao defender movimentos “essencialmente defensivos”, como os fuzilamentos cubanos contra ofensivas imperialistas estadunidenses, “muito mais agressivas” para Manoel, o comunicador é incriminado, pelo repórter, como mero defensor do “paredón”. “O que eu faço é desnaturalizar essa violência”, pondera Jones. Chama atenção, justamente, para a importância de se escrutinarem a exploração e a retórica liberal que, de tão ideológicas, passam despercebidas.

Considerações

No relato das práticas de comunicação da extrema-direita brasileira, fartamente dominantes no espaço público, procuramos destacar as tentativas de antagonização das forças à esquerda que, timidamente, buscam disputar o território midiático para publicação de suas ideias. O reacionarismo conta com aportes econômicos, conhecimento e habilidades para apoiar e difundir posições retrógradas que se articulam com o ideário neoliberal. Agentes da esquerda, que reivindicam a defesa de um projeto marxista, têm o desafio de enfrentar o debate com esses grupos e de escapar dos enquadramentos midiáticos que, quando não esvaziam seus discursos numa orquestração despolitizada, os demarcam como autoritários e antidemocráticos. O debate promovido pelos meios de comunicação acerca dessas questões adquire nuances que desconfiguram práticas comunicativas progressistas, cujos temas são tratados parcialmente ou mesmo negados, avultando-se outras relevâncias.

Ao afirmarem valores como o apartidarismo e a neutralidade, veículos de comunicação brasileiros se colocam como juízes do debate público, mas promovem uma forma de visibilidade que, na realidade, representa a interdição das questões trazidas pelos jovens marxistas. Nega-se o direito a qualquer discussão sobre antagonismos de classe – tomados, negativamente, como “polarizações” – como se o país não fosse formado por um fosso entre a extrema penúria da imensa maioria de sua população e o ínfimo número de pessoas beneficiárias dessa desigualdade. Mesmo sem que essa realidade seja alterada, qualquer alusão a ela na conversação pública deve ser desqualificada e modelada como anacrônica. A política nem mesmo cabe discutir, já que as forças da economia se sobrepõem como verdade e conhecimento fora de qualquer escrutínio. No receituário neoliberal, trata-se de uma verdade que não se questiona.

Os incomuns comunicadores de esquerda, mesmo considerando o papel que a mídia hegemônica cumpre nesse debate, aceitam o desafio de ocupar o espaço restrito que ela lhes oferece. Não sem riscos, apostam nas fissuras dos sentidos propostos pela mídia para larguear o alcance de suas posições. Até aqui, a presença do tema “comunismo” no debate público tem sido historicamente acionada pelas forças reacionárias para assombrar a sociedade, justificando práticas autoritárias. Sujeitos a distorções e enquadramentos indesejados, a presença desses novos atores na mídia é parte de um esforço de superar estigmas que acompanham a tradição que reivindicam. Eles buscam, assim, perseverar na requalificação de seus sentidos.

Ercio SenaORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6683-2182>*PUC Minas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte (MG), Brasil**Doutor em Letras e Educação / PUC Minas**E-mail: erciosena@gmail.com***Juliana Gusman**ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8539-4437>*Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo (SP), Brasil**Mestra em Comunicação Social / PUC Minas**E-mail: julianamrgusman@gmail.com*

Recebido em: 3 de março de 2022.

Aprovado em: 24 de setembro de 2022.

Referências:ASSANGE, J. et al. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. São Paulo: Boitempo, 2013.BECKER, F. Campanha de Bolsonaro mente sobre mobilização de mulheres contra o candidato no Facebook. **El País**, São Paulo, 17 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/17/politica/1537142202_233134.html>.BETIM, F. A esquerda radical brasileira desenterra o debate sobre o socialismo real e ganha adeptos nas redes. **El País**, São Paulo, 31 out. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-31/a-esquerda-radical-brasileira-desenterra-o-debate-sobre-o-socialismo-real-e-ganha-adeptos-nas-redes.html>>.BOLSONARO e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG. **Portal G1**, São Paulo, 25 jan. 2021. Bom dia Brasil. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml>>.<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.272>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 47, p.5-26, mai./ago. 2022

BOLSONARO sugere fechar jornais em novo ataque à liberdade de imprensa. **Uol**, Brasília, 16 fev. 2020. Congresso em Foco. Disponível em: < <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-sugere-fechar-jornais-em-novo-ataque-a-liberdade-de-imprensa/>>.

CAMPOS, P. M. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2018. Eleições 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 37-46.

CRUZ, F.; VALENTE, M. É hora de se debruçar sobre a propaganda em rede de Bolsonaro. **El País**, 21 out. 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/opinion/1539892615_110015.html>.

DIAS, T.; MARTINS, Rafael Moro. Elogiar ditadores é a melhor maneira de a esquerda continuar perdendo. **The Intercept Brasil**, 22 jan. 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/01/22/elogiar-ditadores-faz-esquerda-continuar-perdendo/>>.

DIAS, V. T. Ativismo de esquerda nas redes sociais: contradições das novas trincheiras da luta política. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, vol. 8, n.13, p.192-225, jan/jul. 2020.

FERNANDES, S. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FOLHA, 100. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 fev. 2021. Editorial. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/02/folha-100.shtml>>.

FOUCAULT, M. O que é a crítica? Crítica e Aufklärung. **Espaço Michel Foucault**. Brasília, Universidade de Brasília, 1990. Disponível em <www.filoesco.unb.br/foucault>.

GABRIEL, R. Conheça Sabrina Fernandes, a anti-Olavo. **Revista Época**, 21 fev. 2019. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/conheca-sabrina-fernandes-anti-olavo-23469211>>.

GREGÓRIO, L. Rita Von Hunty, a drag queen que dá aulas de política: “Intolerância é enfraquecedora de lutas. **Revista Quem**, 27 jun, 2020. Entrevista. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2020/06/rita-von-hunty-drag-queen-que-da-aulas-de-politica-intolerancia-e-enfraquecedora-das-lutas.html>>.

LISBOA, D. Foice, martelo e peruca: uma drag queen comunista. **piauí**, abr. 2019. Esquina. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/foice-martelo-e-peruca/>>.

LOWY, M. Dois anos de desgovernos – a ascensão do neofascismo. **A terra é redonda**, 9 fev. 2021. Disponível em: < <https://aterraeredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-a-ascensao-do-neofascismo/>>.

MAIA, D. Falando sobre política, drag queen troca noites de SP por salas de aula. **Folha de S Paulo**, 29 dez. 2019. Cotidiano. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/falando-sobre-politica-drag-queen-troca-noites-de-sp-por-salas-de-aula.shtml>>.

MANOEL, J. Autocrítica ou anticomunismo? Aportes teóricos para compreender a autofobia na esquerda brasileira. **Revista Ópera**, 20 mar. 2019. Disponível em: < <https://revistaopera.com.br/2019/03/20/autocritica-ou-anticomunismo-aportes-teoricos-para-compreender-a-autofobia-na-esquerda-brasileira/>>.

MARX, K.; ENGELS, F. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo: 2007.

MAZZA, L. Os comunistas estão chegando: um youtuber entre Marx, Stálin e Caetano. **piauí**, out. 2020. Esquina. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/os-comunistas-estao-chegando/>>.

MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 14-26.

PAIVA, L. Conheça Rita Von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no YouTube. **Revista Cláudia**. 20 out. 2020. Sua vida. Disponível em: < <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-youtube/>>.

PINHEIRO-MACHADO, R. Na batalha das redes, a extrema direita ganha por W.O. **The Intercept Brasil**, 21 jul. 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/07/21/batalha-redes-extrema-direita-esquerda/>>

ROCHA, L. El País faz matéria contra Jones Manoel, que responde: “conteúdo péssimo”. **Revista Fórum**. 1 nov. 2020. Disponível em: < <https://revistaforum.com.br/midia/el-pais-faz-materia-contra-jones-manoel-que-responde-conteudo-pessimo/>>.

SAFATLE, V. **A esquerda que não teme dizer seu nome**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

_____, V. Organizar as lutas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2018. Colunas e blogs. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2018/12/organizar-as-lutas.shtml>>.

SAYURI, Juliana. Sabrina Fernandes: se quiser mudar o mundo, vem junto. **Revista Trip**, 3 set. 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/sabrina-fernandes-se-quiser-mudar-o-mundo-vem-junto>>.

SPAGNUOLO, S. Telegram, o novo refúgio da extrema direita no Brasil. **El País**, 20 fev. 2021. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-21/telegram-o-novo-refugio-da-extrema-direita.html>>.

TEITELBAUM, B. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

UMA escolha muito difícil. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 de out. 2018. Opinião. Disponível em: <<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,uma-escolha-muito-dificil,70002538118>>.

VIEIRA, D. Jones Manoel, o historiador que influencia Caetano Veloso. **Revista Trip**, 27 set. 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/jones-manoel-o-historiador-que-influencia-caetano-veloso>>.

WILLIAMS, R. **Recursos da Esperança**. São Paulo, Editora Unesp: 2015.

ZANINI, F. Stálin não foi a reencarnação de Lúcifer, diz historiador que influenciou Caetano Veloso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2020. Poder. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/09/stalin-nao-foi-a-reencarnacao-de-lucifer-diz-influenciador-de-caetano-veloso.shtml>>.

Resumo

Objetiva-se discutir, criticamente, práticas comunicacionais que atravessam debates políticos no Brasil. Pretende-se mapear a atuação de grupos reacionários nas redes digitais, que conquistaram hegemonia nesses espaços através de uma estratégia “metapolítica”, para tensioná-la com experiências emergentes no campo da esquerda marxista. Analisaremos, ainda, como a mídia tradicional encara o trabalho de comunicadores que reivindicam a alcunha comunista, através de discursos despolitizadores. Problematizaremos, então, os desafios culturais postos a uma esquerda recém articulada que disputa o território da Internet.

Palavras-chave: Esquerda marxista. Redes digitais. Embates políticos.

Abstract

We aim to discuss, critically, communicational practices that cross political debates in Brazil. We intend to map the actions of reactionary groups on digital media, where they have gained hegemony through a “metapolitical” strategy, to then investigate emerging experiences in the field of Marxist left. We will also analyze how traditional media views the work communist communicators through depoliticized speeches and problematize cultural challenges posed to a newly articulated progressist group vying for territories on the Internet.

Keywords: Marxist left. Digital network. Political struggles.

Resumen

Nuestro objetivo es discutir críticamente las prácticas de comunicación que atraviesan los debates políticos en Brasil. Se pretende mapear la acción de los grupos reaccionarios en las redes digitales, que conquistaron la hegemonía en estos espacios a través de una estrategia “metapolítica”, para tensarla con experiencias emergentes en el campo de la izquierda marxista. También analizaremos cómo los medios tradicionales ven el trabajo de los comunicadores comunistas, a través de discursos depolitizadores. Problematizaremos los desafíos planteados a una izquierda recién articulada que se disputa el territorio de Internet.

Palabras clave: Izquierda marxista. Redes digitales. Choques políticos.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.